
A falta que Marx nos faz: a atenção aos fenômenos do mundo contemporâneo em Marco Casanova

DOI: 10.12957/ek.2020.50532

Prof. Dr. Paulo César Pinto de Oliveira

pclafaiete@hotmail.com

Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Ao nos depararmos com um livro cujo título é *A falta que Marx nos faz – um escrito polêmico*, imediatamente somos remetidos aos efeitos do círculo hermenêutico-compreensivo que nos leva a imaginar que se trata de um livro dedicado a Marx ou a temas marxistas, que, de maneira crítica ou ácida, como sugere a palavra “polêmico” adicionada ao subtítulo, estabelece o questionamento da contemporaneidade a partir da evocação apologética do autor como chave de reformulação de nossos impasses atuais. Tal imagem, contudo, é corrigida pela coisa mesma em questão no texto de Marco Casanova logo nas primeiras páginas de sua introdução. Trata-se de um livro composto por oito artigos inéditos, que se debruçam, sim, por sobre temas sensíveis, quando não dramáticos, da existência em um mundo contemporâneo que experimentou a dissolução dos universais em meio à falência do projeto metafísico, ao fim do século XIX.

O que se encontra em jogo no texto é justamente a possibilidade de os temas ou o modo de colocação de questões apresentado por Marx ganharem vida e tom uma vez mais, agora, em um mundo marcado pela estrangeiridade renitente do século XXI. O Marx que nos falta, assim, não é o pensador que funda o marxismo, como corrente ou escola filosófica, mas sim aquela figura que articulou através de si o campo de sentido de seu tempo, em que a atenção rigorosa ao homem real concreto, à historicidade da matéria e ao acontecimento da particularidade permitem a revelação do todo histórico em que estamos inseridos. Com Marx, aprende-se a olhar com o devido cuidado para a particularidade do que acontece guiada pela historicidade do que ganha corpo, historicidade esta que também se transmite ao próprio universal. Daí Casanova conciliar duas tradições filosóficas até então marcadas pela dificuldade de composição, o marxismo

e a fenomenologia, mediante a exposição do traço comum a ambas: a deferência à particularidade do fenômeno, que, uma vez visto em campo próprio de aparição, permite que se supere o relativismo pela articulação imediata do particular ao universal – a universalidade da espécie, como afirma Husserl (HUSSERL, 2012, p. 85).

A historicidade da matéria em Marx, a fenomenologia e a hermenêutica são os esteios teóricos para a construção dos textos de Casanova, que se destinam a situar o leitor em meio aos temas da contemporaneidade que exsurtem no interior de cada um dos ensaios, para que sejam reativados em sua vitalidade através de uma descrição *polêmica*. Como adverte o autor (CASANOVA, 2017, p. 18), o termo *polêmico* remete ao grego *pólemos*, guerra, embate, que tem por meta não eliminar o adversário, fazê-lo desaparecer, mas, ao contrário, instaurar um espaço de confrontação que permita que a alteridade ou o caráter genuíno do outro desponte em si e por si, e não como na senda platônica em *O Sofista* (PLATÃO, 1980, 258a-e), ver o outro como o diverso do mesmo. O que Casanova persegue com seu livro, assim, através não da presença de um fio condutor uno à obra, mas sim por meio de uma descrição circular, é a miragem, oriunda de diversos pontos de vista, do centro, ou, em outras palavras, descrever cada um dos fenômenos com a intenção de permitir que a descrição deixe ver o tenaz indigente do nosso tempo em cada um deles – ver o fenômeno na articulação de seu campo de sentido.

O primeiro ensaio, *La Laide époque: as ondas calmas do marasmo ou o resultado de uma vida sem paradigmas*, analisa o impacto do chamado caráter de *normalidade da arte* (CASANOVA, 2017, p. 23) na dinâmica das relações existenciais. Normalidade da arte, como explica Casanova, é uma expressão que não diz respeito à perda da capacidade criativa do artista, ou mesmo à ausência de obras de arte de todos os tipos possíveis. A expressão aponta para a reconfiguração do papel da arte e da posição do artista em nosso tempo – *normal é aquilo que não articula, e, em assim sendo, não permanece* (CASANOVA, 2017, p. 24). A arte na normalidade significa a perda do fulgor, do ímpeto do artístico de mobilizar os projetos existenciais e promover plasticidade aos horizontes históricos sedimentados. *Laide époque*, portanto, é claramente um antagonismo à *Belle époque*, que, como explica o autor, não se tratou simplesmente de um movimento estético e estilístico no início do século XX, mas sim de um movimento marcado pela possibilidade de secessão, de ruptura, de transformação radical e de libertação de existências no interior de uma época (CASANOVA, 2017, p. 28). Assim como a filosofia

marxista representou o esforço em se substituir a figura do intelectual de gabinete pelo ativista na transformação da realidade, as vanguardas artísticas fomentaram o redimensionamento da estrutura social tradicional, e é justamente em reação a esse poder libertador que se opõem os regimes fascistas (CASANOVA, 2017, p. 30). O marasmo de nossa época feia não se sustenta apenas na arte, mas se expande ao tom monocromático da política globalizada contemporânea, ao discurso de oposição da esquerda, que não consegue ultrapassar as fronteiras da distribuição de lucros advindos do processo produtivo, e chega à nossa dinâmica de vida cotidiana, acelerada às últimas consequências, sem que nada verdadeiramente tenha acontecido ou possa de fato acontecer, reverberando a lógica da produção industrial que não mais se orienta pelo *eidos* do produzido, e sim pelo movimento de sucção do produzir (CASANOVA, 2017, p. 36-7).

O mundo das ideias de Roberto Campos: alienação e destino político do globo é o segundo ensaio do livro que, causticamente, vai desnudando o caráter volátil do todo, constituído por relações determinadas pela lógica maquinal do mercado. Iniciando pela frase do moribundo Roberto Campos, corifeu do capitalismo entreguista brasileiro, Casanova nos mostra que o mercado, fetiche de Campos, não possui em si mesmo ser algum, tratando-se de uma composição de elementos conjunturais que servem a interesses particulares, que, randomicamente, vão tragando para o interior de sua dinâmica tudo aquilo que se apresenta perante a ele (CASANOVA, 2017, p. 46-7). Tudo é determinado pelas relações, em uma lógica de estímulo e relação, de um modo tal que nada se mantém. O dinheiro, que desde os *Manuscritos econômicos-filosóficos* de Marx se torna a medida de todas as coisas, diante da maquinação do mercado, leva adiante a sua tarefa de destruir a essência dos entes, abstraindo-as ao ponto de elas não terem mais nenhum tipo de essência, transformando-as em puras mercadorias, cujas consequências primordiais são a hierarquização entre profissões e a vinculação do trabalho ao aspecto puramente monetário (CASANOVA, 2017, p. 61-3). Quando o ser dos entes é mercadologicamente posicionado pelo movimento relacional, resta, como diz Casanova, a quimera lógica do entretenimento e da diversão. É estabelecida, assim, a temática do ensaio seguinte, *A festa de Martin Heidegger: melancolia, diversão e ironia*, que aborda a interface entre tempo e tédio.

Como visto, a monetarização mercadológica induz a uma dinâmica de mundo em que o trabalho é totalmente funcionalizado e desconectado daquele que trabalha em virtude do automatismo do próprio campo do fazer. Casanova, com base em Heidegger, nos explica então que essa funcionalização requisita a diversão para que o tédio não se abata sobre nós (CASANOVA, 2017, p. 70). O tédio apresenta-se então como a tonalidade afetiva fundamental do filosofar contemporâneo, que torna o homem desinteressante a ele próprio justamente porque não há mais possibilidade de temporalizar-se a existência, articulando-se ser e história. O tédio, como apresenta o autor a partir de uma fina leitura do texto *Conceitos fundamentais da metafísica* (HEIDEGGER, 2011, p. 103-208), é um dos desdobramentos do niilismo correlatos à dissolução da metafísica que, ao contrário do que inicialmente se imaginaria, não provoca a inércia e a inação, mas fomenta o movimento incessante de expansão do vazio (CASANOVA, 2017, p. 95). Diante da desarticulação da relação de abertura do ente na totalidade, o homem passa a não ter nenhum compromisso ontológico com ação alguma: nada pode acontecer em meio à suspensão de nosso ser, e para que tal vazio não seja escancarado ininterruptamente à sua vista, mobilizando melancolia e ironia, a diversão festiva surge como medida do cotidiano (CASANOVA, 2017, p. 103) – “diversão, solução sim, diversão, solução para mim”, à moda de “O Grande Gatsby”, de Fitzgerald.

Wim Wenders e a morte do templo nos permite perceber o papel do cinema, em substituição à religião - que, desde Nietzsche, tem nas igrejas o túmulo de deus - como espaço de mediação do mistério, agora voltado à própria concreção do existir (CASANOVA, 2017, p. 110-1). Para tanto, como explica Casanova, o cinema deve estruturar-se na forma do “cinema-evento”, aquele em que se obtém a libertação do existir em meio às imagens por meio da abertura do campo de autodação ou de realização imagética própria, ou seja, as imagens devem ter a condição de poder permitir que algo aconteça em meio às suas aberturas, e, com isso, nós podemos conquistar também a possibilidade de ser em meio a tal evento (CASANOVA, 2017, p. 114). O cinema-evento, assim, garante a possibilidade de a imagem ser e de nós sermos junto ao acontecimento imagético, *poder-ser* esse que não é mantido no “filme-engrenagem”, em que a narrativa se sobrepõe às imagens, ditando-lhe o seu ser ao emendar uma cena na próxima, temperadas por uma trilha sonora que tem a falsa pretensão de melhor servir à narrativa (CASANOVA, 2017, p. 119-20). Essa morte da imagem do cinema contemporâneo, que

estende por prazo indeterminado a ausência de qualquer espaço de articulação existencial, comum nos *streamings*, nos filmes da Marvel e em nossa experiência televisiva recente, não representa tão somente modos deficitários de arte, mas também projetos de existência deficientes, em que tudo precisa se amoldar à velocidade inebriante de imagens para que nada continue a acontecer – as temáticas dos ensaios anteriores voltam à tona aqui novamente.

O próximo ensaio, o que julgamos o melhor e que, por si só, já vale toda a leitura do livro *Apocalipse zumbi: a ressurreição de Cristo na religião do aquém*, analisa os traços neofascistas do crescente movimento neopentecostal brasileiro. Casanova explica que os fascismos nascem da dissolução das identidades que assolam o século XX, tornando problemáticas as ações mundanas, enraizadas em um solo que não mais fornece pertencimento e segurança (CASANOVA, 2017, p. 144). Esse matiz de estrangeiridade é combatido pelos fascismos, que se apoiam na nostalgia do passado e na promessa de perpetuidade do futuro para fornecer identidades indissolúveis, mantidas à custa do combate violento ao diverso, que necessita ser eliminado por se tratar de uma forma de doença. Tal violência carece da propaganda, da vigilância e do terror para que a eugenia seja conduzida. As identidades fascistas são introjetadas nas massas de consumo e são forjadas nas religiões do aquém, que blindam as essências pelo aspecto místico do divino (CASANOVA, 2017, p. 150-1). A experiência religiosa, em um quadro mais aterrador do que o apontado por Weber, não fomenta mais o capitalismo, pelo contrário, é ela própria experiência de consumo, que garante prosperidade diante da presença da fé, formando um amálgama indecomponível entre religião, fascismo e capitalismo. Esse modo pueril e negocial de lida com o religioso – *zumbi*, na expressão de Casanova (CASANOVA, 2017, p. 158) - prospera no espaço de simplificação educacional e de desamparo total e completo do Estado, o que marca a conexão deste ensaio com o seguinte, *Anencefalia à brasileira: da destruição da polis*.

Nesse ensaio, Casanova apresenta a possibilidade de conciliação entre as tradições marxiana e hermenêutica em relação à historicidade da matéria e à sedimentação dos campos históricos presentes na formação da *alma* brasileira, que se desdobram a partir dos traços de uma sociedade pós-escravocrata, daí autoritária e excludente, notando-se a permanente tentativa das classes média e alta de se afirmarem como diferentes do restante da população pobre e mestiça (CASANOVA, 2017, p. 164). A bela alma brasileira

manifesta, então, seu ódio em meio ao seu projeto de eliminação do diverso, que se canalizou, nos últimos anos, no discurso da direita conservadora que proliferou seu ressentimento contra o PT principalmente amparado no fato de o partido, pela primeira vez na história do Brasil, desenvolver políticas públicas pensadas a partir e voltadas à inclusão das camadas mais pobres da população. A derrocada do PT, assim, como explica Casanova (CASANOVA, 2017, p. 172), representa uma espécie paradoxal de volta à normalidade, de retorno torpe do Brasil a si mesmo, que não consegue solucionar três de seus problemas essenciais: as contradições entre um sistema penitenciário aviltante e os altos salários e poderes do judiciário e do ministério público; a tensão entre a defesa da família brasileira e a perseguição fascista aos homossexuais; e a contradição entre a propagação da violência no tecido social e seu fomento alucinatório pela implantação da ordem repressiva (CASANOVA, 2017, p. 178-84). São essas as nuances da anencefalia à brasileira.

Martin Heidegger: um anarquista de gênero, o penúltimo ensaio do livro, reconstrói o pensamento heideggeriano tendo como fio condutor o esforço do filósofo em levar adiante a negatividade e a dissonância como destruidores da história das ontologias (CASANOVA, 2017, p. 190). *Anarquia* aqui é sinônimo de desterro, de estrangeiridade, que aponta para a necessidade de serem assumidas as ausências de *archai* dadas como fundamentos do pensar e do agir (CASANOVA, 2017, p. 198-9). Em *Ser e tempo*, tal anarquia se liga à tonalidade afetiva fundamental da angústia, que é responsável pela re-historicização do ser a partir da reconexão com a negatividade estrutural do ser-aí. Já no pensamento posterior de Heidegger, a anarquia aponta para a dissonância que marca o lugar do pensamento em transição e para a urgência do *outro início*. Experimentar a estrangeiridade exige, por sua vez, que se levante contra a imposição de medidas normatizadoras da existência, que se mostram, v.g., na corporeidade e na sexualidade binária – hetero e homossexualidade (CASANOVA, 2017, p. 214). “Heidegger: um anarquista de gênero” é, antes de tudo, um esforço de se pensar a obra do filósofo para além do estigma encurtado do nazismo.

O ensaio que conclui o livro na forma de anexo, *Abstração e desfiguração: a crise da representação na pintura moderna*, dialoga aqui diretamente com outro texto de Casanova, *Eternidade Frágil* (CASANOVA, 2013, p. 17), fundamental para que se perceba a temporalização do mundo contemporâneo através da obra de arte. Casanova

apresenta a relação entre o aparecimento do sujeito posicionador do mundo exterior na filosofia moderna e o desenvolvimento do espaço ideal na pintura renascentista no século XVI, em que o espectador é posicionado pela razão em um espaço orientado por relações ideais entre os objetos (CASANOVA, 2017, p. 222-3). Correlato ao idealismo alemão, o neoclassicismo corrige a ausência de diálogo entre os planos dos quadros renascentistas ao integrá-los no acontecimento mesmo da cena, na unidade orgânica do centro vital da obra. No entanto, com o expressionismo, tal modo de lidar com o espaço se exaspera através da relação entre espaço e afetividade: não há mais o espaço pronto externamente ou meramente posicionado pela razão, mas sim uma relação intencional entre espaço e existência, em que os afetos contagiam a superfície permitindo-se o acirramento ou a deformação da espacialidade (CASANOVA, 2017, p. 232-8). Esse modo diverso de lidar com o espaço no expressionismo alemão chega à arte contemporânea, em que a abstração e a fragmentação liberam o campo pictórico para que ele se articule por si mesmo, de forma livre. Tal lidar com o campo pictórico, que nos permite acompanhar o seu próprio acontecimento, demonstra que a abstração e a desfiguração da obra são as mesmas do nosso existir histórico (CASANOVA, 2017, p. 247-8).

A exemplo das *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa (GUIMARÃES ROSA, 2001, p. 49), *A falta que Marx nos faz* é encerrado com o mesmo tema de abertura: a relação entre arte e existência. Contudo, diferentemente da catábase e da anábase que esteiam a obra de Rosa, Casanova nos requisita a atenção ao que se deslinda aos nossos olhos, sempre nos lembrando que o que ocorre na superfície jamais é tocado pela superficialidade.

Referências bibliográficas

CASANOVA, Marco. *A falta que Marx no faz*. Um escrito polêmico. Rio de Janeiro: Viaverita, 2017.

_____. *Eternidade Frágil*. Ensaio de temporalidade na arte. Rio de Janeiro: Viaverita, 2013.

GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras Estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica*. Mundo, finitude, solidão. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. Rio de Janeiro: Gen/Forense Universitária, 2011.

HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas*. Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento. Trad. Pedro Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Gen/Forense Universitária, 2012.

PLATÃO. *Diálogos*. Sofista, Político, Apócrifos ou Duvidosos. Trad. Carlos Alberto Nunes. v. X. Belém: Editora UFPA, 1980.

Recebido em: 28/04/2020 | Aprovado em: 23/05/2020